

8. As Lamentações de Khakheperréseneb





8.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse





As Lamentações de Khakheperréseneb foram conservadas num único documento, uma placa de madeira com 55 centímetros de comprimento e 29 de altura, coberta de estuque dos dois lados, que adere à madeira através da utilização de uma substância adesiva. Apresenta um pequeno orifício através do qual poderia ser suspensa numa parede. Designada por *B. M. 5645*, conserva-se no Museu Britânico, tendo sido encontrada aparentemente «esquecida» entre numerosos óstracos na terceira sala egípcia do museu londrino, por A. H. Gardiner, tendo-lhe chamado a atenção o facto de estar redigida numa escrita mais arcaica do que os restantes documentos envolventes¹. Reparou também nos pontos encarnados que marcavam os versos, tendo de imediato compreendido que se tratava de um texto literário desconhecido, mas que, pelo vocabulário específico aí encontrado, rapidamente identificou com o trabalho que na altura tinha em mãos, *As Admoestações de Ipu-uer*².

O texto distribui-se por quatro parágrafos de tamanho variável, os três primeiros no *recto* (catorze linhas) e um quarto no *verso* (seis linhas). A separação dos parágrafos é visível pelo maior espaçamento deixado entre cada um dos conjuntos de linhas: quatro no primeiro, cinco no segundo, outras cinco no terceiro e seis no quarto. Existem ainda, separadas do derradeiro capítulo, em baixo, duas linhas que nada têm a ver com este texto³, que parecem ser apenas o princípio de um texto mais extenso. Pela análise da escrita hierática, A. H. Gardiner data-o da primeira metade da XVIII dinastia, enquanto o original parece datar do Império Médio, com grande margem de segurança do reinado de Senuseret II, ou um pouco posterior. Em abono desta opinião conta não só o facto do nome do sábio ser composto com o nome de coroação daquele rei, Khakheperré, «A forma de Ré brilha», como na análise da «dinâmica da linguagem». P. Vernus ao debruçar-se sobre este texto, a que chama *Recolha de Palavras de Khakheperréseneb*⁴, mais especificamente sobre a construção sujeito + *hr* + infinitivo, tanto com verbos transitivos como com verbos intransitivos, o datar do final da XII dinastia ou princípio da seguinte⁵. Por seu lado, estes elementos acrescidos de alguns erros, faltas ou trocas de determinativos e correcções sobrepostas a pequenas áreas palimpsestas, permitem-nos admitir que poderemos estar perante um instrumento escolar. Utilizámos um total de vinte linhas assim distribuídas: catorze do *recto* (de 1 a 14) e seis do *verso* (da 1 à 6).

¹ A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 95.

² A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 95.

³ A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 96 e pr. 17-18.

⁴ P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*.

⁵ P. VERNUS, *Future at Issue. Tense, Mood and Aspect in Middle Egyptian: Studies in Syntax and Semantics*, p. 188-189. P. Vernus não deixa de sublinhar que se a obra for apócrifa o nome de Khakheperréseneb passa a ter um valor secundário na datação, uma vez que os nomes podem-se transmitir por linhagens ou serem atribuídos muito depois do rei ter morrido, sobretudo devido à sobrevivência da sua memória através do seu culto funerário ou de algum monumento particular que o tenha perpetuado (P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, p. 2-3).



O texto hierático teve uma publicação da sua transcrição hieroglífica em 1909, em Leipzig, realizada por A. H. Gardiner, que o publicou como apêndice da transcrição do *Papiro Leiden 344 recto*, *As admoestações de um sábio egípcio*, as já referidas *Admoestações de Ipu-uer*⁶. T. G. H. James e P. Vernus, respectivamente em 1979 e 1995⁷, apresentaram fotografias do *recto* da tabuinha *B. M. 5645*, mas só G. E. Kadish publicou a reprodução fotográfica completa da tabuinha, *recto* e *verso*, em 1973⁸. No Museu Egípcio do Cairo há ainda um óstraco do túmulo de Senenmut, que se mantém inédito e que parece reproduzir parte deste texto⁹. Em todo o caso, tendo em conta, principalmente, as numerosas publicações e estudos de outros textos egípcios e o facto de, inicialmente, este ter sido publicado como simples apêndice de outro texto, não deixamos de concordar com P. Vernus quando afirma que este texto é «um pouco marginal na egiptologia», ainda que essa marginalidade seja relativa, motivada sobretudo pela sua «grande dificuldade de interpretação»¹⁰. Esta dificuldade não se encontra no estado da cópia, no vocabulário ou na gramática, mas no isolamento da temática em relação a outros textos: a desordem de certos tempos e a inversão de valores.

Isto tudo não quer dizer que Khakheperréseneb fosse um desconhecido. Pelo contrário, deve ter sido até um escriba de nomeada, uma vez que o seu nome aparece na célebre lista de escribas gravada na parede de um túmulo de Sakara, da XIX dinastia, na companhia de nomes como Imhotep, Kaires, Khety e Ipu-uer¹¹, e é mencionado no *Papiro Chester Beatty IV*, vº3, 6-7, na evocação «Eu quero dar-te a conhecer Ptahemdjehuti e Khakheperréseneb» (*dj.i rḥ.k pth-m-dḥwty ḥꜥ-ḥpr-rꜥ-snb*)¹².

A realização deste trabalho segue, fundamentalmente, a leitura da tabuinha realizada por A. H. Gardiner.

Sinopse. Estamos perante uma introspecção: Khakheperréseneb, sacerdote de Heliópolis, fala consigo próprio, com o seu coração, ou melhor, com a sua consciência. Não sem antes demonstrar satisfação pela qualidade e ineditismo do seu discurso, saudoso de tempos passados, interroga o seu coração e pede-lhe para que seja corajoso face ao mundo que os rodeia. Lembrando a tradição, não deixa de reconhecer que vive num tempo onde o passado

⁶ A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pp. 95-112 e pl. 17 e 18.

⁷ T. G. H. JAMES, *An Introduction to Ancient Egypt*, p. 102; P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, p. 5.

⁸ G. E. KADISH, «British Museum Writing Board 5645», *JSTOR* (1973), p. 19-30 e pl. XXXII-XXXIII.

⁹ W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 230; P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, p. 2.

¹⁰ P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, pp. 1-2.

¹¹ W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, fig.6, última página do livro.

¹² P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, p. 3.



não se repete, marcando com clareza a ruptura entre o presente e o passado, opondo-se à ideologia dominante da perenidade da elite dominante e dos seus monumentos. Aliás, como conclui, a tradição não fornece conceitos apropriados para explicar nem o presente nem o futuro, uma questão que entre nós contraria do mesmo modo todos aqueles que ainda pensam que o Egípcio faraónico foi constituído por mais de 3000 anos estáticos.

Este texto é a subversão da ideia monolítica de permanente retorno à «primeira vez», percepcionando-se uma ruptura com a ordem tradicional em nome de um novo conceito de história, que manifesta expressamente nas linhas 2 e 3 do *verso*: «aquele que dava ordens é um dos que recebe ordens». Esta inversão de situações não é exclusiva. Pelo contrário, ela está presente em parte dos textos do Império Médio, tendo na nossa investigação já aparecido em o *Conto do Camponês Eloquentemente* (B 145), em *Diálogo de um desesperado com o seu ba* (114-115), em *As Admoestações de Ipu-uer* (7, 11-12) e no *Conto Profético* (54).

Graças à resistência do seu coração, isto é, à sua força de vontade, passou por uma série de provações, partilhando com ele, o seu único e verdadeiro amigo, sem restrições, o sofrimento. Daí o epíteto de «Aquele que vive», por ter sobrevivido a tanto mal-estar. Como o próprio Khakheperréseneb diz na sexta linha do *recto*, foi espectador de tempos difíceis e, com base nessa experiência, descreve uma sociedade que ao trocar *maat* por *isefet* entrou num estado catastrófico. Não é uma perspectiva pessoal mas colectiva, conforme nos apercebemos pelas várias referências a todo o país. Depois de descrever esse caos e de aliviar a sua consciência pondo para cima do seu coração a necessidade de denunciar a situação, o texto acaba abruptamente, desconhecendo-se qualquer tipo de resposta do coração, como por exemplo em *Diálogo de um desesperado com o seu ba*, ficando a ideia de que apenas tivemos contacto com parte de um texto mais completo. Contudo, é um texto que se apresenta simplesmente como um trabalho literário e sem qualquer intenção política, como foi o caso, por exemplo, do *Conto do Camponês Eloquentemente*, onde foi, ainda que ficcionada, criada uma audiência que permite supor ter sido um texto destinado a audiências reais com fins doutrinários. Em todo o caso, há a descrição de uma terra em desordem e de tempos conturbados, que fazem lembrar o Primeiro Período Intermediário, com a particularidade de serem a visão de alguém que hoje poderíamos apelidar de «revolucionário».






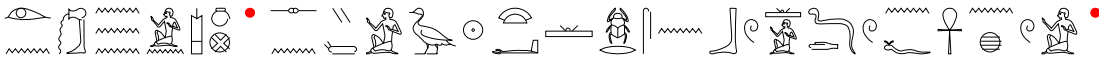
8.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada





1
T
Recto  *shwy md(w)t kdf tsw d^cr hnw m hhy n ib*

Colecção de palavras, conjunto de conhecimentos, resultado da investigação¹ com um espírito habilidoso²,

 *iri.n w^cb n iwnw sny-s3 h^c-hpr-r^c-snb{w} ddtw n.f ^cnhw*


realizada pelo sacerdote de lunu³, Khakheperréseneb{u}, filho de Seni⁴, chamado «Aquele que vive».

2
T
 *dd.f h3 n.i hnw hmmy tsw hppy*

Ele diz: «Possas eu ter palavras desconhecidas, fórmulas estrangeiras

 *m mdt m3wt tmt šwt m whmmyt*


com palavras novas que não tenham estado em curso, vazias de repetições,

 *nn ts n sbt r ddt.n tpw-^cw*

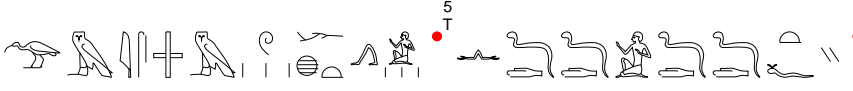
um discurso nunca transmitido pela voz proferida por aqueles que estiveram antes⁵!

 *sh3k.i ht.i hr-ntt im.s m fh n dd nb*

Eu faço sair do meu corpo o que está nele⁶, em ruptura com todo o homem que tenha falado⁷,

 *hr-ntt rf whmw dddt iw dddt dd nn ^cb^cw mdt imyw h3tyw*

porque o que foi dito pode ser repetido; e o que foi dito foi (bem) dito⁸! Não há nenhum exagero nas palavras daqueles de tempos antigos

 *gmi is imyw htw n dd dd ddt.fy*

e o que está nelas é apreciado por aqueles que vêm depois⁹. Aquele que está a falar não deve falar, a fim de falar aquele que deverá falar



gmy ky dd.f n mdt n mdt hr-s3 iry iri.n.sn dr-^c

a fim de que um outro possa encontrar o que ele irá dizer. Não um contador de contos depois disso feito, porque isto foi há muito tempo¹⁰;



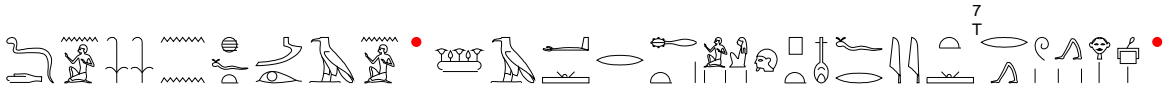
nn mdt ntt k3 sdd.s(n) hhy pw r 3k

não um contador do que lhes deverá ser dito¹¹, (isso) é procurar o sofrimento,



grg pw nn sh3t.fy rn.f n kt-hy

é mentir; ninguém lembrará o seu nome a outros¹².



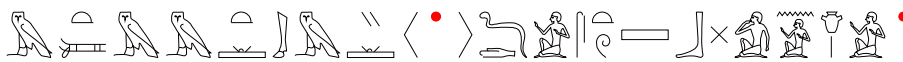
dd.n.i nn hft m3.n.i š3^c r ht tpy{t} nfryt r iw hr-s3

Eu disse isto de acordo com o que vi, começando com as gerações, da primeira às que vieram depois.



sny.sn r sw3t h3 3 rh.i hm ny kywy

Elas devem imitar o passado. Possa eu saber o que outros ignoram!



m tmmt whmy dd.i st wšb n.i ib.i

Mesmo o que foi proveniente da boca calada (sem nunca ser) repetido¹³, eu digo isso e o meu coração responder-me-á.



shd.i n.f r mn.i win.i n.f 3tpw nty hr psd.i

Eu iluminá-lo-ei em relação ao meu sofrimento, a fim de transferir para ele a pesada carga que está nas minhas costas.



hnw m sfn n wi sšr.i n.f mnt.i m-^c.f

Falarei da minha dor, exprimir-lhe-ei o meu sofrimento na sua mão



⁹
T

dd.i ih hr srf.i 3bd 2(-nw n) šmw sw 28

e direi «ah!» com entusiasmo¹⁴. Segundo mês de Chemu, dia 28¹⁵.

¹⁰
T

ink pw hr nky m hprt šhrw hpr ht t3

Eu sou o que pensa no que aconteceu¹⁶, nas coisas que ocorreram em toda a parte da terra.

hprw hr hpr nn mi rnpt sf dns 1 rnpt r snwt.s

Aconteceram transformações. As semelhanças com o ano anterior já não existem. Um ano¹⁷ é mais opressivo do que o seu segundo.

sh3 t3 hpr m hdi{n.i} irw m [... ...]

A turbulência da terra aumenta a (sua) destruição¹⁸, ela transforma-se num [deserto?]¹⁹.

¹¹
T

rdi.tw m3ct rwty isft m-hnw sh

A ordem foi lançada fora; o caos está no interior da sala do conselho²⁰.

hnn.tw šhrw ntrw wnt {w} mhrw.sn

Os planos dos deuses são transgredidos; as suas ordens são negligenciadas²¹.

wnn t3 sny-mny i3tyw m nbt niwwt sp3wt m i'rw

A terra está na miséria, a carência²² está por todo o lado. As cidades e as províncias estão desoladas,

hr-nb twt hr iw šfyt rdw s3 r.s tkw nbw sgrw

todas as pessoas²³ está submetida de igual modo ao mal. Viramos as costas ao respeito, os senhores do silêncio estão perturbados.



nhpw hr hpr r^c nb hr tnbh r hprt di.i r hr.sn

Em cada madrugada o sol levanta-se, o rosto contrai-se por causa do que aconteceu e eu ponho a (minha) boca contra eles.

13



3tp w.i snnw.i hr ib.i whdw sw h3p ht.i hr.f

Oprimem os meus braços e eu aflijo-me no coração. É penoso guardar o segredo no meu corpo relativamente a ele.



ksi pw ky ib ir ib kn m st ksnt sn pw n nb.f

Um outro coração ficaria prostrado, mas o bravo coração que está num lugar de sofrimento²⁴, ele é o irmão do seu senhor.



h3 n.i ib m rh whdw k3 try.i shny hr.f

Possa eu ter um coração que saiba sofrer! Então eu farei dele um lugar de repouso.



3tpw sw m mdwt nt m3iw dr.i n.f mn.i

Ele está carregado de palavras de lamentações e eu afastá-lo-ei do meu sofrimento»²⁵.

Verso



dd.f n ib.f mi m ib.i mdw.i n.k wsb.k n.i tsw.i

Ele diz ao seu coração: «Vem, meu coração, que eu falo-te! Possas tu responder às minhas palavras²⁶,



wh^c.k n.i n3 nty ht t3 ntyw h4 pth ink pw hr k3y m hprt

possas tu explicar-me o que se passa na terra, (onde) os que brilham são lançados ao chão! Eu penso no que aconteceu.



ihw bs m min nhpw n sw3 drdrw hr-nbw gr hr.f

A miséria instalou-se no dia de hoje, e pela manhã (ainda) não passa de um estrangeiro²⁷. Toda a gente está silenciosa quanto a isto.



t3 r-dr.f m shrw 3w nn ht šwt m iww

A terra inteira encontra-se numa grande agitação. Nenhum ser está vazio de mal.



bw-nbw twt hr irt st h3tyw snmw

Toda a gente faz isto de modo idêntico. Os corações estão tristes.



dd hr m ddw n.f hr ib n sny hrw dw3.tw r.s m hr hrw r^c

Aquele que dava ordens é um dos que recebe ordens e o coração dos dois está feliz. Uma pessoa levanta-se sujeita a isto diariamente



n win.n st ibw hrt sf im mi p3 hrw hr sni rs n 33

e os corações não rejeitam isto. Os hábitos disso ontem são como o hoje porque transgrediram, de facto, muito.



hr dri nn r^k š3.f nn dnd di.f r

O rosto (dos homens permanece) insensível; não há ninguém que compreenda uma sabedoria, nem nenhum homem (suficientemente) zangado para falar.



dw3.tw r whdw r^c nb 3ww wdn mn.i

Uma pessoa levanta-se todos os dias para sofrer. Longa e pesada é a minha doença.



nn phty n m3ir m r.f m wsr r.f

O miserável não tem forças para (se proteger a) si próprio, daquele que é mais poderoso do que ele.



h3yt pw gr r sdmt ihw pw wšb n hm

É doloroso (guardar) silêncio em relação ao que se ouve. É miserável responder a quem é ignorante.



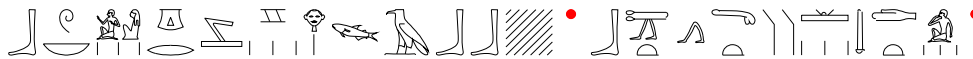
hsf hn hr shpr rkꜣ n šsp.n ib m3ꜣt

Rejeitar um discurso provoca inimizade. O coração não aceita a verdade.



n whd.tw smi n mdt mri nb s tsf

Ninguém é paciente com o relato da palavra. Todo o homem gosta do seu (próprio) discurso.



bw-nbw grg hr h3bb bꜣt mtw mdt

Cada um se estabelece sobre (a sua) desonestidade²⁸. A rectidão abandonou os discursos.



dd.i n.k ib.i wšb.k n.i n gr.n ib ph

Eu falo contigo, meu coração, possas tu responder-me! Um coração agressivo não pode ser silenciado!



mk hrt b3k mi nb ʕ3 wdn hr.k

Olha, as necessidades²⁹ do dependente são as mesmas das do senhor!
É muita a carga sobre ti!»



NOTAS:

- ¹ O significado da palavra *ḏꜣr* é muito mais do que simplesmente «procurar»: é «procurar e encontrar» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 320).
- ² A palavra *ḥhy* significa «procurar», «procurar obter» e a expressão *m ḥhy n ib* significa literalmente «com um espírito habilidoso» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 176).
- ³ Iunu, «a cidade do pilar», capital da 13ª província do Baixo Egípto, é a cidade a que os Gregos chamaram Heliópolis, a nordeste da actual cidade do Cairo, em Tell Hisn, hoje um subúrbio da capital; é, ainda, a On copta e bíblica. Considerada um dos centros culturais de maior destaque do Egípto faraónico, cuja Enéade é o protótipo das enéadas egípcias, foi o local do primeiro templo solar construído provavelmente ainda no Império Antigo dedicado a Ré-Horakhti, cuja representação mais comum era a de um homem com cabeça de falcão encimada pelo disco solar e pela serpente *iaret* e tendo numa mão o *ankh* e na outra o ceptro *uase*, uma de numerosas assimilações de Ré. Na «cidade do sol» venerava-se o astro, através de múltiplos nomes (Atum, Khepri, Ré-Atum, Ré-Horakhti...) e manifestações (demiurgo, Sol matinal, Sol poente, Sol do meio-dia...). O objecto mais sagrado do templo de Ré em Iunu, o Hut-Benben, «o palácio do obelisco», terá sido a pedra *benben*, um raio solar petrificado, um obelisco que representava o local onde principiara a criação (P. MALHEIRO, «Heliópolis», *Dicionário do Antigo Egípto*, pp. 411-412; A. G. e M. F. RACHET, *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*, pp. 123-124; G. POSENER, *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*, p. 128; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 124; R. WILKINSON, *The Complete Temples of Ancient Egypt*, pp. 111-112; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egípto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 173-174).
- ⁴ A leitura de *Seni* não é inteiramente segura. Sobre o método invertido para expressar a filiação vide a nota 26 o *Conto do Camponês Eloquente*.
- ⁵ A falta da marca gráfica do *cólon*, bem como o determinativo de plural (G. Z2), deve ter ficado a dever-se ao facto do escriba ter tido aqui uma falha que o levou a escrever o *s* inicial de *sh3k* praticamente colado ao determinativo de *tpw-ꜣw* (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pl. 17; T. G. H. JAMES, *An Introduction to Ancient Egypt*, p. 102 e P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, p. 5).
- ⁶ Não é uma menção a qualquer acto fisiológico, mas uma referência ao seu pensamento, à sua vontade, aos seus desejos (P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, pp. 4 e 8).
- ⁷ A tentação imediata é ler G. A1 (𓄀) como pronome sufixo (*dd.i*), o que gramaticalmente não estaria muito correcto, uma vez que deveria ser *ddt.i*, «o que eu digo», ou melhor ainda, *ddt.n.i*, «o que eu disse». A outra hipótese é poder ser um participio substantivado, tal como voltamos a encontrar na quinta linha, o que faz de G. A1 a sua desinência, portanto mais um determinativo que indica a natureza da pessoa ou da coisa em causa (P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, pp. 4 e 9; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 271).
- ⁸ A frase *whmw dddt* é uma predicação de qualidade que tem como predicado o participio perfectivo de *whm*. A frase *iw dddt dd* é uma construção *iw* + sujeito + pseudoparticipio que indica o resultado de uma acção já terminada onde, normalmente, o pseudoparticipio se apresenta no masculino enquanto o sujeito é um feminino de valor neutro. Por seu lado a partícula introdutória *iw* é aqui entendida como marca de «forte contraste», na expressão de Gardiner, que liga de modo indissociável duas frases independentes uma da outra (P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, pp. 4 e 9-11; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242, 270-272 e 388-389).
- ⁹ Para além do seu significado de «encontrar», o verbo *gmì*, significa também «verificar», «achar bom», donde «apreciar» (P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, pp. 4 e 9-12). Aqui conclui-se o primeiro parágrafo.
- ¹⁰ É a ideia de que uma acção ocorrida no passado não pode ser útil em situações posteriores.
- ¹¹ O traço que existe no fim desta frase tem intrigado os investigadores, de Gardiner a Vernus. O primeiro simplesmente passa por cima da questão substituindo-o por reticências e o segundo coloca-o devidamente, mas diz desconhecer o seu significado. Pelo facto deste poder ser um exercício de um aprendiz, nós avançamos a hipótese de poder ser uma deformação caligráfica dos dois últimos caracteres do pronome dependente *.sn* (𓄀𓄀). Baseamos a nossa opinião em duas circunstâncias: a correcção gramatical, pois a acção é futura por força da presença da partícula proclítica *k3*; e a confirmação em Goedicke de que na página 24 do *Papiro Reisner*, do início da XII dinastia, existe um caso muito semelhante em que estes dois caracteres facilmente podem ser reduzidos a um traço (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 98; P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte pharaonique*, pp. 7 e 14; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 66a-66b).



- ¹² A palavra *kt-ly* é uma variante de *kt-ht*, já encontrada em B1 77 do *Conto do Camponês Eloquente* (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 449). Nestes dois *cola*, a marca gráfica surge fora do lugar. Este facto e o esquecimento de várias marcas gráficas no final de outros *cola*, são mais um elemento a considerar em abono da possibilidade deste documento ser um exercício escolar.
- ¹³ Ainda que normalmente com outro determinativo, G. A2 (𓆎), o verbo *tm* significa «calar a boca». Aqui diz respeito ao silêncio em relação ao conhecimento das coisas em geral e não propriamente à expressão oral. O escriba deve ter seguido o princípio do verbo seguinte, *wḥm*, «repetir», que quando se refere a acções é com o determinativo G. Y1 (𓆏) e quando trata de algo relacionado com a linguagem é com G. A2 (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 151).
- ¹⁴ A palavra *srf* tanto pode referir-se a «quente» no sentido de «febre», «temperatura», «inflamação», como pode referir-se a «quente» na senda de «animado», «excitado», «entusiasmado», «caloroso» ou «ardente». Pode ainda referir-se a «disposição» ou «estado de espírito» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 236). Parece-nos que nesta passagem do texto pontua o facto do personagem se ver feliz por se poder libertar da carga que traz às costas: é uma exclamação de alívio e não de dor.
- ¹⁵ O segundo parágrafo termina com esta data registada a encarnado. Sem qualquer relação com o texto, não aparecendo nem no princípio nem no fim do texto, neste local e deste modo, parece o registo da data em que se atingiu determinada tarefa: a execução dos dois primeiros parágrafos deste texto. Mais um elemento que pontifica em abono da ideia desta tabuinha poder ser um trabalho escolar. Curiosamente a data aparece correctamente transcrita do hierático para o hieroglífico em Gardiner, que depois a despreza na tradução, apenas afirmando nos comentários que provavelmente é «um memorando do escriba» para saber até onde tinha ido no seu trabalho em determinada data. Depois, apresentando como exemplo apenas o *Papiro de Bolonha 1094*, diz que estes memorandos eram comuns. Erman, Simpson ou Lichtheim, nada referem a este respeito. O único documento consultado onde esta data aparece explicitamente grafada, transliterada, ainda que de forma errada, e traduzida, ainda que mal integrada na tradução do poema que surge separada da sua apresentação em egípcio hieroglífico, é na obra de A. Fermat e M. Lapidus. Em relação à datação, cfr. a nota 104 de *Khufu e os Mágicos* e a nota 10 da *História de Sinuhe* (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, pp. 100-101 e pl. 17; A. ERMAN, *Ancient Egyptian poetry and Prose*, p. 109; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 232; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 147; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 60 e 201).
- ¹⁶ O pronome independente que inicia a frase, ao ser seguido pelo demonstrativo (ou cópula) *pw*, toma a função de predicado de uma predicação de identidade, assumindo-se como o verbo «ser» (ou «estar»). O verbo *nk3*, «meditar», «pensar», tem um carácter a mais. Aparentemente G. A1 (𓆎) não pode ser um pronome sufixo.
- ¹⁷ O carácter G. M4 (𓆎) está repetido na tabuinha (G. E. KADISH, «British Museum Writing Board 5645», pl. XXXII; A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 101 e pl. 17).
- ¹⁸ Embora seja usada para referir factos já concretizados no passado, a forma *sdm.n.f*, uma flexão sufixal indirecta, na primeira pessoa do singular, só pode ser um erro gramatical uma vez que é um caso isolado na frase.
- ¹⁹ É uma passagem completamente irrecuperável. Erman, Gardiner e Simpson deixam em branco ou omitem-na, mas Lichtheim propõe «baldio» e Fermat e Lapidus, «deserto». Não são propriamente a mesma coisa, e no Egipto uma terra abandonada pode transformar-se mais rapidamente num deserto do que num baldio (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 101 e pl. 17; A. ERMAN, *Ancient Egyptian poetry and Prose*, p. 109; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 232; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 147; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 60 e 202).
- ²⁰ Sobre este par, *maat* e *isefet* (o bem e o mal, a verdade e a mentira, a justiça e a injustiça, a ordem e o caos...), cfr. o *Conto do Camponês Eloquente*.
- ²¹ Existe um *w* a mais e perfeitamente descontextualizado nesta frase: surge depois do determinativo da palavra anterior, não faz parte da palavra seguinte e não é nenhum tipo de pronome nem de partícula.
- ²² Uma vez que há o primeiro e os dois últimos caracteres desta palavra, esta é uma tentativa de restauro do que poderia estar no espaço em falta e qual a palavra formada. Atentos ao contexto e procurando nos dicionários e gramáticas hipóteses possíveis, aparentemente parecem faltar 𓆎 e formar-se a palavra 𓆎𓆎𓆎, isto é, *ibtyw*. Esta palavra, que para Faulkner e Sánchez Rodríguez significa «mutilação», a que Gardiner acrescenta o significado de «que falta», «desaparecido», «perdido», em vez de G. A2 (𓆎) apresenta o determinativo G. D57 (𓆎). Com o determinativo G. A2 não encontramos nenhuma hipótese possível, optámos por admitir que esta pudesse ser outra grafia de *ibtyw*, com um significado mais relacionado com «carência», uma vez que algo mutilado é al-



go a que falta qualquer coisa, portanto, está carente dessa coisa. Também parece lógico que sejam carências alimentares, falta de subsistências provocadas pela desordem expressa no texto, conforme indica a mão que vai à boca em G. A2 (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 102 e pl. 18; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 551; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 9; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 73).

- ²³ Provavelmente o carácter em falta será G. Z2 (𓏏𓏏), podendo ser a palavra composta *hr-nbw*, com o mesmo significado, «todas as pessoas».
- ²⁴ A faltar algum carácter só poderá ser o determinativo de plural, G. Z2, uma variante desta palavra.
- ²⁵ Termina aqui o terceiro parágrafo e o *recto*.
- ²⁶ Mais uma vez na posse do princípio e do fim desta palavra, e do tamanho do espaço a preencher, não é difícil de imaginar que possam faltar dois (𓏏𓏏) ou três caracteres (𓏏𓏏𓏏) para constituir a palavra 𓏏𓏏𓏏, *tsw*, «palavras», «frases», «discursos», «máximas».
- ²⁷ Aqui a palavra «manhã» significa o dia seguinte e «estrangeiro», referente a miséria, «coisa estranha», «hostil» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 135 e 324; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 241 e 500-501; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 148-149).
- ²⁸ Aparentemente, no *verso* da fotografia da tabuinha, o carácter superior não deixa muitas dúvidas parecendo ser o carácter hierático recolhido por Gardiner e registado em nota da pl. 18. O carácter inferior é de difícil decifração devido ao facto de ser atravessado por a uma racha da tabuinha que lhe destrói a maior parte. Contudo, a sua parte superior aparenta forma semelhante à parte superior do carácter que lhe está por cima. Parece, assim, que o espaço em questão poderá ter sido preenchido por dois caracteres H. F19B (𓏏𓏏), ausente em Goedicke, conforme se vê, aliás, em Faulkner. Sánchez Rodríguez regista a palavra sem estes dois últimos caracteres mas com o mesmo significado. G. F19 é uma mandíbula de boi, mas H. F19B é um carácter composto: uma foice com dentes. Em qualquer dos casos, com ou sem H F19B, constitui-se a palavra 𓏏𓏏𓏏, cujo significado é «desonestidade». Excepto para Gardiner que não a traduz (G. E. KADISH, «British Museum Writing Board 5645», pl. XXXIII; N. GRIMAL, J. HALLOF, D. VAN DER PLAS, *Hieroglyphica*, p. 1 F-1; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 463; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 200; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 337).
- ²⁹ É mais um caso em que foi corrigida uma palavra: no lugar de 𓏏𓏏𓏏 estava originalmente 𓏏𓏏𓏏 (A. H. GARDINER, *The Admonitions of an Egyptian Sage*, p. 108 e pl. 18).

